

LINGUAGEM E IDENTIDADE CULTURAL SOB O OLHAR DE UM ÍNDIO MACUXI

Cátia Maria dos Santos Costa (UERR)

catia914@yahoo.com

Gustavo Cohen

RESUMO

Este artigo é resultado de uma entrevista com um índio macuxi acerca da temática língua, linguagem e identidade cultural. E foi elaborado para atender a disciplina linguagem e identidade cultural, no curso de Pós-Graduação em Letras- PPGL da Universidade Federal de Roraima. O tema foi escolhido a partir das leituras e discussões feitas em sala de aula, e principalmente pelo contexto cultural que Roraima retrata. A diversidade linguística que existe no estado de Roraima é intensa e constante, pois muitas pessoas migram de outras regiões para o Estado, e por outro lado, temos ainda, a diversidade linguística das comunidades indígenas, que causou curiosidade em aprofundar mais sobre o assunto. E apesar de já se ter estudiosos e pesquisadores estudando a língua, identidade e cultura dos indígenas a um bom tempo, há muitas nuances desses povos que ainda é desconhecida, e esse contexto foi o que me instigou a fazer a entrevista com o índio macuxi para saber e compreender a partir do olhar dele, as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo no universo da comunidade macuxi. O procedimento metodológico utilizado neste trabalho foi da pesquisa qualitativa por meio da técnica de entrevista não estruturada, com o auxílio de um gravador de áudio. Os resultados apontaram que na visão do índio macuxi, a chegada da escola, e o ensino da língua portuguesa causou mudança cultural fazendo desta maneira com que o indígena macuxi assuma outras identificações, que perpassam pela questão da língua e da linguagem, pois a partir do momento que acontece esse deslocamento numa cultura, a originalidade cultural não será a mais mesma.

Palavras-chave: Língua. Identidade Cultural. Macuxi.

1. Introdução

A língua, identidade e cultura têm sido temas bastante discutidos nos últimos tempos e neste artigo a intenção é tratar da temática à luz da teoria e analisar uma entrevista a partir da visão de um índio macuxi. O trabalho é uma proposta da disciplina linguagem e identidade, ministrada Pelo Prof. Gustavo Cohen, no Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

O procedimento metodológico utilizado foi por meio do método descritivo de cunho qualitativo, utilizando-se da técnica de coleta de dados a entrevista que se deu apenas com uma pergunta não estruturada e o registro foi feito por meio de gravador.

O artigo está constituído em três aspectos: o primeiro apresenta a questão problema que possibilitou o estudo que norteia o leitor e o fará compreender a visão do índio macuxi. No segundo, apresento os teóricos que dialogam e dão conceitos sobre o tema em discussão e no terceiro, a metodologia e os procedimentos utilizados, a análise da entrevista com o índio macuxi articulada aos conceitos dos autores que abordam a temática, e para encerrar o estudo apresento as considerações sobre o assunto.

2. Problema

Roraima tem na sua composição cultural e linguística uma diversidade muito vasta e rica, pois traz em seu espaço geográfico a convivência de não índios e índios, o último participando ativamente do desenvolvimento urbano que ocorre no Estado, ou seja, vivem os impactos do desenvolvimento e crescimento do estado, isso também em função do advento da globalização que influencia de certa forma no comportamento do índio e do não índio. Por outro lado, há comunidades indígenas que procuram conservar sua origem, tradição e crenças, não permitindo a interferência de não índio em suas comunidades, isso para manter e perpetuar a identidade cultural de seu povo.

Baseado nesse contexto e a partir das leituras e discussões feitas em sala de aula acerca do assunto, bem como, a curiosidade e o interesse em saber mais sobre a relação dos macuxis com os não índios foi que me instigou a entrevistar um indígena da comunidade macuxi com o intuito de entender as mudanças e transformações recorrentes no contexto indígena a partir do olhar de um índio macuxi. A pergunta que norteou a entrevista foi a seguinte “Qual seu entendimento quanto à língua, linguagem e identidade cultural na comunidade macuxi?”.

O texto é articulado à concepção do indígena sobre os temas em questão com as teorias dos autores que tratam com propriedade da temática, Faraco, Fiorin, Freitas, Hall, Maher, Woodward, Anderson, Mello, Vogt.

3. Língua e sua complexidade no contexto teórico

A língua é entendida por alguns autores a partir de óticas diferentes e, em alguns pontos, suas concepções se convergem e esses olhares nos faz entender que ela na sua essência é concebida como um elemento

complexo e até difícil de defini-la, como afirma Faraco:

Eu não sei se há uma resposta simples para essa pergunta aparentemente tão simples. Nós que nos formamos na euforia do estruturalismo, nos acostumamos a ver a língua com um sistema, como um sistema de sistemas, como um código autônomo e até autossuficiente (2003, p. 64)

A definição de língua, para Fiorin (2003) “é uma coisa difícil, porque cada vez mais eu tenho dúvidas a respeito do que seja a língua por causa da sua complexidade”. Para o autor língua é o acúmulo de experiências do indivíduo ao longo da vida, e essas experiências, é o que os tornam seres historicamente situados. Percebe-se que as definições apresentadas pelos autores têm pontos divergentes, no que diz respeito à língua, mas há um ponto comum entre eles, dizem que é muito difícil definir a língua na sua totalidade.

O objetivo desse trabalho não é apresentar as definições de todos os autores que tratam da língua, por isso apresenta-se apenas a posição dos autores acima referenciados. Vale salientar que outros autores também consideram difícil assumir uma postura diante de um conceito e/ou definição precisa sobre língua, em contrapartida outros entendem a língua como sistema formal, processo interno da língua, e é conveniente dizer que na obra *Conversas com Linguistas* (2003) pode-se encontrar muitas definições de língua dada por esses e outros autores que não foram mencionados neste trabalho, mas que nos permitem uma reflexão mais apurada sobre a temática em discussão.

Baseado nessa discussão entende-se que apesar de muitos estudiosos e pesquisadores terem se dedicado ao estudo da língua, ainda não se tem uma definição precisa e concreta sobre ela, pelo menos, a partir da visão de alguns linguistas apresentados na obra acima citada e o resultado dessas conversas só nos faz entender que ainda se tem muito a discutir em torno do tema.

Essa abordagem não é só discutida por linguistas, mas também por pesquisadores de outras áreas, como os antropólogos e sociólogos que por meio da língua/ linguagem procura compreender a relação entre o homem e sociedade, e segundo Vogt (2003, p. 194) diz “a língua é, um fator social, um fenômeno social de excelência e que tem características e estruturas, um todo específico.” Por isso não há como dissociá-los a exemplo disso Vogt (2003, p. 194) afirma que “o nascimento das línguas no século XIX sob a expansão colonialista britânica ou europeia (...) pela necessidade de se comunicar pode-se constituir grandes línguas nacionais”, e esse processo se dar em função das questões sociopolíticas que

podem de certa forma definir a língua de um povo.

Já para Rajagopalan (2003, p. 176) “língua é antes de mais nada e depois de tudo, uma questão política”. Ele adverte ainda, que os leigos são grande maioria usuários de uma determinada língua, ou seja, a língua não está restrita a um grupo seletivo de uma nação, de uma pátria, mas vai além dessa questão.

Em virtude desse pensamento pode-se afirmar que de fato estamos longe de termos um conceito bem definido sobre língua, e para o autor acima citado, língua, linguagem e sociedade não podem ser desvinculadas umas das outras, pois se completam, e na medida em que o sujeito vai se constituindo na sociedade, criam suas línguas.

Dessa forma, entendemos que a língua é um elemento ou instrumento comum a todos os indivíduos de um povo, de nação e/ou de uma sociedade, não há melhor ou pior língua, maior ou menor língua, cada povo tem a sua língua e é no processo de interação comunicativa que os sujeitos vão se reconhecendo povo que falam uma mesma língua.

4. *Linguagem e identidade cultural*

Para entendermos o papel e funcionamento da linguagem e identidade cultural num contexto local é necessário entender como a linguagem e as relações entre o homem e sociedade se construíram e se constroem no processo de interação.

A linguagem é a forma que o indivíduo tem de socialização uns com os outros numa sociedade, e assim como a língua, é um elemento considerado abstrato e complexo. Martelotta (2012, p. 19) enfatiza que “A linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade”. Isso quer dizer, é a maneira que os indivíduos têm de interagir uns com os outros, ficando evidente em seu comportamento que é definido socialmente.

A reflexão feita pelo indígena entrevistado se confirma com o posicionamento do autor citado, pois ele diz, “*a comunidade macuxi no estado de Roraima sofreu e vem sofrendo mudanças de comportamento, de atitudes, assumindo a linguagem do não índio*”. Sabe-se que cada grupo social tem uma maneira própria de se representar junto a seus pares, e essa representação se manifesta no modo de falar, exemplo: a maneira de falar do indígena é diferente do não índio, como também os que são de

classe minoritária possuem características de fala diferentes dos de classe favorecida.

Essa questão não só perpassa pela fala, mas também pelas situações diferentes que o indivíduo se depara no processo de comunicação, ou seja, tem que adequar a linguagem à situação comunicativa que está inserido, por exemplo, o indivíduo no ambiente profissional usa uma linguagem mais formal, no bar usa uma linguagem mais informal, na família usa uma linguagem mais simples. Com base nessas situações linguísticas entende-se que o indígena macuxi sai de sua comunidade para o ambiente urbano, começa a conviver e absorver a cultura, a linguagem do não índio, modificando dessa forma sua linguagem, assim como sua identidade.

Partindo desse princípio, entende-se a partir da afirmação de Maher (2007, p. 67) “o aumento de fluxos migratórios e de políticas públicas que acabaram resultando em uma “democratização” da escola enquanto instituição, o fato é que a inclusão do “diferente” está cada vez mais evidente nas salas de aula brasileiras”.

Isso nos leva a pensar em conformidade com que o indígena fala acerca da escola, “A presença da escola, primeiro porque o professor que ia para a escola não se preocupava em aprender a língua então ele forçava os alunos e a comunidade inteira a falar a língua portuguesa”. Nesse sentido o que fala o indígena fica explícito na afirmação da autora Maher:

A análise dos processos de educação formal de falantes de línguas minoritárias no país exige, de antemão, para um dado: enquanto para a maioria dos alunos das escolas brasileiras o bilinguismo é facultativo, para os alunos indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes, o bilinguismo é compulsório. A esse alunado não é dada opção: ele é obrigado a aprender a língua majoritária do país e se tornar bilíngue. (2007, p. 68)

Assim como a língua a linguagem a identidade cultural tem a sua complexidade, no entanto ao falarmos de identidade, remetemo-nos as concepções de Hall que trata de identidade a partir de três concepções diferentes. E que as denomina de sujeito de Iluminismo, sujeito Sociológico e sujeito Pós-Moderno. E ele define o sujeito do Iluminismo como sendo:

[...] centrado, unificado, dotados das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecessem

do essencialmente o mesmo – “contínuo” ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo.” (2006, p. 11)

Essa concepção de identidade que por um longo tempo conduziu o mundo social se apresentando um sujeito que nascia e se desenvolvia, mas que permanência o mesmo, aquele sujeito que era compreendido como unificado, marcado pelo individualismo, condição de sujeito estático e submisso traduzia na essência do sujeito a sua identidade.

Na perspectiva sociológica o entendimento que se tem do sujeito sociológico é que ele já não está na posição de autossuficiente ou de autônomo, mas sendo marcado por uma relação de interação com o outro, a sociedade também exercendo o seu papel nesse processo de interação, é o sujeito e a sociedade. E essa relação é evidenciada de acordo com a evolução e complexidade do mundo que cresce e se moderniza com o passar dos tempos.

Diante das características abordadas acima o sujeito pós-moderno é bem diferente, não define – se como um sujeito que tem identidade única, fixa. Pois a identidade desse sujeito é vista como mutável, porque é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987).

Outro aspecto que o autor aborda é o caráter da mudança na modernidade tardia, que ele associa ao processo de mudança chamado de globalização e os reflexos que causam na identidade cultural. Pois, ele entende que as sociedades estão em constante mudança e que esse processo ocorre numa velocidade que não permite que o sujeito fique preso ao passado e a tudo que simboliza e perpetua as gerações antigas, e são esses pontos que nos permitiu diferenciar as sociedades tradicionais das modernas.

Então, compreende-se que o sujeito da “era globalizada” participa da velocidade de mudança, mas muito mais que isso, reflete e transforma suas práticas sociais de acordo com as informações que recebe, em virtude disso, ele altera seu caráter, seus costumes, suas crenças e suas tradições.

Com base nesses posicionamentos, podemos dizer que as sociedades da modernidade se constituem por serem diferentes, por perpassarem por posicionamentos sociais antagônicos, e que fazem de fato com que o sujeito se posicione na sociedade como tal, definindo assim, sua identi-

dade que é mutável na medida em que os sujeitos se articulam uns com os outros, se transformam e são transformados na sociedade. Essa ideia se confirma com que Hall enfatiza (2003, p. 48) “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Dessa forma, compreende-se que a identidade de um povo, de uma nação se dá no construto social, no espaço de interação. E como afirma Freitas (2008, p. 105) “o espaço de construção de identidades é o discurso, as marcas físicas são apenas simbólicas e utilizadas no discurso quando é do interesse de um dos interlocutores”. E como Rutherford ressalta,

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (1990, p. 19-20)

Partindo desse conceito, o sujeito tem sua identidade definida de acordo com seu status social, ou seja, como se apresenta ou como são representados no seu grupo. E dependendo da posição que ocupa na sociedade pode ser rejeitado ou aceito por ela. Como Woodward (*op. cit.*, p. 19), “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados”.

5. Metodologia

O procedimento metodológico utilizado neste artigo foi norteado a partir da pesquisa qualitativa que segundo Richardson,

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (2008, p. 90)

E por meio dessa pesquisa entende-se melhor o olhar do índio macuxi sobre a questão da linguagem e da identidade cultural, que como é relatado pelo próprio entrevistado, à comunidade macuxi sofreu e vem sofrendo a influência da cultura do não índio, cultura essa que está sendo internalizada pelo indígena de forma mais intensa, influenciando na tradição e costumes, mas principalmente, na língua materna da comunidade.

Para conduzir de maneira mais eficaz a pesquisa, utilizou-se da técnica de entrevista pelo fato de que o entrevistador tem a possibilidade de obter de forma mais aprofundada as informações e conseqüentemente

uma riqueza de detalhes que só é possível por meio da entrevista. E como enfatiza Richardson (2008, p. 2007) “A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”.

A coleta de dados utilizada foi à entrevista não estruturada segundo Richardson,

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder a pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo. (2008, p. 208)

Esse tipo de entrevista permite ao entrevistado liberdade de manifestar seu pensamento de forma aberta, flexível e aprofundada, ou seja, ele pode abordar o tema na forma que quiser isso permitir também ao entrevistador a possibilidade de organizar as informações contemplando os registros que são mais relevantes.

A entrevista teve o auxílio de um gravador de áudio para fazer e assegurar a retenção da totalidade das informações dada pelo entrevistado. Esse objeto de registro não permite que nenhum registro se perca.

6. Análise dos dados

A entrevista foi norteadada por meio da pergunta “Qual seu entendimento quanto à língua, linguagem e identidade cultural na comunidade macuxi?”

Para a realização da análise dos dados, fez-se alguns recortes da entrevista que são apresentados a seguir.

Já nos anos sessenta que era a minha época a comunidade começou a ter essa relação com o mundo escolar, com o mundo ocidental, mas pode se afirmar que desde os anos quarenta a língua macuxi ela vem perdendo muito do ponto de vista da liderança que é o Tuxaua o porta voz das comunidades, com a presença da escola, primeiro porque o professor que ia para a escola não se preocupava em aprender a língua, então ele forçava os alunos e a comunidade inteira a falar a língua portuguesa e todos os conteúdos que eram passados na sala de aula, eram em português e nessa época dos anos sessenta e quarenta até os anos setenta funcionava a didática da palmatória, então o castigo do aluno não era estudar, mas era bater e isso criou muita resistência de muitos alunos.

Na fala do indígena fica evidente que a chegada da escola na co-

munidade por meio da pessoa do professor priorizou o ensino da língua portuguesa e a língua materna (macuxi), ficou sendo uma segunda língua, ou seja, a língua que deveria ser ensinada aos alunos indígenas deveria ser a língua materna, pois a ensinada é a língua portuguesa, e ameaça não somente o modo de falar, como também causa mudança na identidade desses indígenas. Isso fica confirmado quando Maher (2007, p. 68) afirma “a esse alunado não e dado opção: ele é obrigado a aprender a língua majoritária do país e o tornar bilíngue”. A língua portuguesa na comunidade macuxi é imposta, fazendo com que a língua materna (macuxi) não seja conservada e nem registrada.

[...] e aí se perdeu a língua ficando distante do modo do hábito tradicional e já fomos passando para o hábito ocidental falando português chamando a nossa língua de gira e não gíria usando roupas, começando a vestir roupa, tomando café, já intensificando esses elementos intensificou muito nos anos cinquenta sessenta já nos anos oitenta que também faz parte dessa linguagem, dessa afirmação de identidade cultural principalmente os elementos na questão alimentar o arroz o feijão o refrigerante o biscoito agora atualmente o frango congelado, peixe, carne, as caças foram se perdendo os peixes foram diminuindo a população aumentando e aí nós perdemos a nossa língua.

Dessa maneira entendemos que a identidade é marcada pela diferença e também pelos símbolos como enfatiza Woodward (2000, p. 10) “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a pessoa usa”. Fica evidente na fala do indígena quando ele diz que os gêneros alimentícios que são consumidos hoje na comunidade não faziam parte dos hábitos alimentares de antigamente, isso que dizer que o macuxi assumiu outras identificações, ou seja, produziu novos significados que permitiram uma mudança de cultura, que para Hall (2001) “não há perda ou assimilação, mas negociação e mudança cultural. As pessoas não apagam seus vínculos quando se deslocam, mas também nunca viveram ou viverão num continente culturalmente unificado”. Desse modo, o macuxi na sua origem não deixará de ser macuxi, no entanto, culturalmente não será o mesmo, pois a cultura do não índio já está internalizada nele.

A língua macuxi hoje tem um processo de autoafirmação está muito difícil o modo dos professores indígenas ensinar o modo como os professores indígenas vão aplicar a língua materna, a língua materna e só no momento da aula como se fosse uma língua estrangeira depois dali a língua oficial e a língua portuguesa passou dali volta a falar português. A língua macuxi é como se fosse estrangeira não tem avançado muito esse processo pelo método que se esta aplicando, mas mesmo assim a língua se mantém, mesmo com muitos recortes ocidentais ainda nós podemos dizer que nós somos macuxis temos ainda nossa identidade.

O entrevistado com clareza afirma que o professor indígena ao ensinar, assume a língua portuguesa como a língua oficial do seu povo, nesse caso essa postura assumida por ele é enfatizada por Maher (2007, p. 68) “e quem deve se tornar bilíngue é o índio e o surdo, são os imigrantes e seus descendentes”. Nesse sentido o indígena é obrigado a se tornar bilíngue, porque a língua de instrução na sala de aula é o português, os conteúdos ministrados são de língua portuguesa, assim não há como perpetuar a língua macuxi, visto que os costumes, as crenças, as tradições, são deixadas de lado, só se preserva uma língua quando ela está em movimento.

O homem se adapta em todo o lugar e toda a comunidade ele tem o seu modo de vida mesmo sendo macuxi, comunidades macuxis que vivem de modos diferentes. O jeito de trabalhar, o jeito de viver são diferentes, e são macuxis, os jovens macuxis não falam macuxi, os mais velhos falam, os jovens indígenas vem para a cidade vão para a praça da alimentação e os jovens indígenas evangélicos usam fone de ouvido e brinco. Eles utilizam as gírias que são utilizadas na cidade, os macuxi não são inocentes tem o seu modo de viver.

Como afirma Freitas “todos nós vivemos situações que nos levam a escolher uma ou outra identidade no nosso dia a dia, essa escolha se dá, em geral, naturalmente, a partir do contexto e das pessoas envolvidas na interação comunicacional” (2007).

É o que ocorre na comunidade macuxi descrita pelo entrevistado, cada grupo indígena da comunidade macuxi tem sua maneira própria de viver e se comunicar com os seus pares e com outras culturas, mas ao mesmo tempo em que eles se reconhecem como macuxis, eles negam essa identidade quando assumem o modo de viver do não índio, em outro momento essa assimilação de cultura está relacionada ao contexto que o sujeito se encontra ou está inserido, como explicita Freitas “o espaço de construção de identidade e o discurso, as marcas físicas são apenas simbólicas e utilizadas no discurso quando é de interesse de um dos interlocutores”. Enfim, o que define a identidade dessa comunidade é o discurso porque ele assume outras identificações a partir das relações sociais e do processo comunicativo que concebe da cultura do não índio.

7. Considerações finais

Apesar da complexidade temática língua, linguagem e da identidade cultural, a análise permitiu uma compreensão teórica relacionada ao olhar do indígena entrevistado. E percebeu-se que não é possível dissoci-

ar a língua, linguagem e identidade cultural, pois elas se fundem e se completam ao mesmo tempo.

O estado de Roraima pela vasta diversidade linguística possibilita que os indígenas macuxis se misturem em um mesmo espaço geográfico e não existe neste sentido fronteiras que impeçam essas relações culturais, em contrapartida, a análise mostrou que na visão do indígena macuxi, a língua está desaparecendo porque não há interesse das lideranças das comunidades em perpetuar ou cristalizar a língua macuxi, pois segundo o entrevistado os mais velhos sabem falar a língua, mas não sabem escrever, os mais novos sabem escrever e não sabem a língua macuxi, em função disso, ele acredita que a língua macuxi não terá um registro oficial escrito como tem a língua portuguesa.

Outro ponto que fica evidente na entrevista é quanto ao ensino da língua materna na comunidade macuxi, que segundo o entrevistado com a chegada da escola na comunidade desde os anos quarenta até os dias de hoje tem sido tratada como segunda língua (estrangeira) e a língua portuguesa como se fosse à língua materna (macuxi).

Na fala do indígena fica explícito que as comunidades macuxis apesar de terem o seu jeito próprio de viver, eles também assumem outras identificações, neste sentido, ao mesmo tempo em que eles se reconhecem como macuxi, eles negam essa identidade, como exemplo utilizado pelo entrevistado. Quando perguntam a um macuxi onde ele nasceu? Ele responde que nasceu no município tal, ou seja, o que o define nesta situação é o município e não a origem. A identidade desse indígena é evidenciada pelo discurso, como afirma Freitas, o que pode ser entendido como processo transcultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. *Nações e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- FARACO, Carlos Alberto. Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura? In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Susana (Orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.
- FIORIN, José Luiz. O que é língua? XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Susana. *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FREITAS, D. p. A. p. A construção do sujeito nas narrativas orais. *CLIO. Revista de Pesquisa Histórica*, n. 25, vol. 2, 2007. Recife: UFPE, 2008.

_____. Falar makuxi: bilinguismo e seus fenômenos. In: ANDRADE, R. C. de; CRUZ, Odileiz S. (Orgs.). *Letras e outras letras*. Boa Vista: UFRR, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade na cultura na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAHER, T. M. Do Casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONIRICARDO, S. M. (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

MELLO, H. A. B de. *O falar bilíngue*. Goiânia: UFG, 1999.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Que e língua? In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Susana (Orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos técnicas*. Colaboradores José Augusto de Souza Peres *et al.* 3. ed. 8 reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

RUTHERFORD, Jonath A. N. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VOGT, Carlos. Que é língua. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Susana (Orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Susana. *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

WOODWARD, Kathryn. A perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.